



Carta de recomendação do filme "Ladrões de Bicicleta"¹ About the film "*Panic at the needle square*"

Fagner Torres de França²

Natal, 27 de outubro de 2007

Cara colega Ariele Priscila,

Há obras que permanecerão eternamente na história da humanidade por suas marcas indeléveis que contribuem no esforço para a compreensão do mundo e da vida. É o caso do filme "Ladrões de Bicicleta", produção italiana de 1948 e de hoje também. O filme é dirigido pelo inesquecível Vittorio de Sica e faz parte do chamado neo-realismo italiano, movimento que mostra as marcas imprescindíveis o conhecimento artístico e humanístico, digo apenas que assisti-lo é melhor que ignorá-lo. Ninguém sai incólume às atuações daqueles não-atores, ao roteiro impecável, prenhe de significações, ou àqueles dramas profundos mostrados na tela, num contexto histórico-social específico e ao mesmo universal. A vida deles também é a sua e é a minha, senão pela identificação, pelo menos na omissão.

É logo nos primeiros minutos que percebemos a deterioração da capacidade produtiva total do operário, como consequência da modernidade capitalista apreendida por Marx. O filme mostra que o mercado de trabalho é seletivo e exige determinadas qualificações vinculadas às indústrias mais dinâmicas. Mas nas condições sociais do capitalismo italiano do pós-guerra, poucos são os que se adaptam às novas conformações do campo profissional, excluindo, assim, boa parte da população despreparada para o trabalho fabril. É a força de trabalho semiqualficada. É o homem total se tornando parcial, e

¹ Carta elaborada como parte da avaliação da disciplina: Teoria Sociológica I, do Curso de Ciências Sociais (Licenciatura), ministrada pelo professor Dr. José Willington Germano, no semestre 2007.2.

² Aluno do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

suas habilidades humanas já não servem à sociedade industrial em larga escala.

Enquanto todos estão atentos à porta da fábrica que, quando se abre, pode representar a salvação de cada um, surge um homem oferecendo duas vagas para torneiro mecânico, profissão da indústria metalúrgica em ascensão. Na multidão não havia um sequer, mas apenas o contingente do proletariado alijado do mercado de trabalho por sua desqualificação para a nova demanda.

Perceba, cara colega, que na medida em que o proletário é força de trabalho como mercadoria, sua maior angústia, que o dilacera, é que ela, a sua força, não seja consumida.

E a mercadoria está sempre presente no filme, como não lembrar que ela está presente também na obra de Marx. O protagonista da história, Antonio Ricci, contrariando suas próprias expectativas, consegue um emprego como colador de cartazes, mas com a condição de que possua uma bicicleta. Veja, Ariele, que, neste caso, temos a coisa se interpondo entre o homem e sua atividade vital, o trabalho. A bicicleta torna-se mais importante. É preciso tê-la para ter acesso ao trabalho assalariado. E ela torna-se o objeto de sua obsessão, pois é o meio que pode abrir-lhe as portas para o mercado de consumo e para o mundo das coisas e da vida digna na sociedade burguesa, esta sociedade tão bem criticada por Marx, autor que vimos estudando em Teoria Sociológica I.

A partir de certo momento, "Ladrões de Bicicleta" é o filme de um homem desesperado que busca por seu meio de trabalho, roubado por um lumpemproletário, enquanto Ricci exercia, orgulhoso, sua nova função. É quando começa a agravar-se a já bastante acentuada alienação de Antonio frente ao mundo e às relações sociais. Para Antonio, ele não é vítima do capitalista que o expropria ou do sistema do capital. Pelo contrário, foi a própria sociedade do capital que lhe concedeu uma oportunidade de emprego, arrebatado de suas mãos por um representante andrajoso de sua própria classe, com a qual não se identifica por estar integrado ao mercado.

O mais curioso, Ariele, é que Ricci acaba representando uma espécie de alienação multidimensional. É um homem proletário, alienado não apenas dos meios de produção ou do instrumento de trabalho, mas de si mesmo. Na sociedade do fetichismo da mercadoria, que tende a abolir a conexão que as

coisas têm com a natureza física e com as relações materiais e imateriais que surgem a partir disto, visões que podem realçar que as pessoas estão envoltas em relações sociais estranhadas que impedem tanto a consciência de classe quanto a consciência de si. Sobre isto pude refletir, tendo como parâmetro o conteúdo deste filme.

Na *via crucis* percorrida pelo personagem em busca de sua bicicleta, que nunca será encontrada, Ricci torna-se um homem solitário e imerso em uma multidão de laços enfraquecidos, representando o esgarçamento do tecido social. Ninguém consegue sentir a sua tragédia íntima. Os mecanismos de integração já não servem à nova sociedade, que se apresenta, no filme, em franco processo de desagregação. Todos os olhos estão fechados à dor do outro. A solidão de Ricci é a derivação da miséria da modernidade capitalista que fragmenta a coletividade em um particularismo social, isolando cada indivíduo de classe. A indiferença que Ricci vai assumindo aos poucos, frente ao mundo, é a expressão da indiferença do mundo social do capital, frente à vida humana.

Desesperado, o protagonista é conduzido a atos irracionais, que irão culminar na tentativa de furtar uma bicicleta. Ricci está no espectro da exclusão social, alienado dos ideais de justiça, e numa barbárie interior. Os valores, sempre indefinidos, em conflito, despedaçam-se. Ao se ver sem o instrumento de trabalho, o protagonista perde também a expectativa de uma vida digna. A cena final, de uma rua repleta de bicicletas, talvez seja a situação trágica do paroxismo da sociedade burguesa, que acumula tanta riqueza material em meio a tanta miséria social e humana.

Despossuído de tudo, Ricci agora não tem nem mesmo as perspectivas morais: está à deriva total.

Em síntese, cara colega, "Ladrões de Bicicleta" fala de guerra, medo, opressão, miséria, desemprego, solidão e sofrimento, ou seja, tudo o que nos obriga a fugir e procurar um abrigo seguro, mas que força as barreiras de nosso entendimento onde quer que estejamos, como se fôssemos uma massa de famélicos tentando romper as fronteiras de nossa sanidade. O mundo é mesmo difícil de compreender. É isso que Vittorio de Sica, diretor do filme, tenta nos contar. Não há moral explícita, resposta pronta ou futuro promissor. Ele sabe que jamais tomaremos o céu de assalto, e só se pergunta por quê?.

Ao contrário, passando ao largo das utopias, a película segura o homem pelo cabelo e o obriga a encarar o produto de seu egoísmo: o deserto interno do humano.

Espero que você assista ao filme e reflita sobre o mundo em que vivemos e aquele que queremos.

Sinceramente,

Fagner.